



ESCOLAS SUSTENTÁVEIS NO QUILOMBO DE MATA CAVALO

Regina Aparecida Silva

Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação, Instituto de Educação; Bióloga – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte - UFMT
E-mail: rasbio@gmail.com

Déborah L. M. S. Santos

Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Estudante de pós-graduação, Instituto de Educação; Bióloga – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte-UFMT
E-mail: demoreirax@gmail.com

Michelle Jaber Silva

Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Departamento de Ensino e Organização Escolar; Bióloga – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte-UFMT
E-mail: michellejaber@gmail.com

Michèle Sato

Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Departamento de Ensino e Organização Escolar; Bióloga – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte-UFMT
E-mail: michelesato@gmail.com

Resumo

O Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso realizou, no Quilombo de Mata Cavallo, em parceria com a comunidade quilombola e a Escola Estadual Quilombola “Tereza Conceição de Arruda’ (E.E.T.C.A.) o projeto de extensão: Escolas Sustentáveis no Quilombo de Mata Cavallo. Mata Cavallo está localizado na zona rural do Município de Nossa Senhora do Livramento, distante aproximadamente 55 km de Cuiabá. Participaram deste projeto professoras, estudantes de pós-graduação e graduação ligados ao GPEA/UFMT, Professores, estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e da educação de jovens e adultos (EJA) da E.E.T.C.A. e moradores do quilombo. O projeto teve como objetivo realizar processo formativo em Educação Ambiental com a comunidade escolar e seu entorno, com ênfase na construção de espaços educadores sustentáveis. O projeto foi desenvolvido durante 4 meses e culminou com a construção da Casa da Cultura, Projeto Ambiental Escolar Comunitário escolhido pelas comunidades escolar e do entorno.

Palavras-chave: Quilombo, Escola Pública, Educação Ambiental, Escolas sustentáveis.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Escolas Sustentáveis no Quilombo de Mata Cavalo* se constituiu em bonita caminhada aprendente, com participação de estudantes, educadores, gestoras, funcionários da escola, moradores da comunidade e integrantes do GPEA (professoras da UFMT, estudantes de graduação, estudantes de mestrado e doutorado).

Com o objetivo de valorizar os processos educativos que ocorrem dentro e fora da escola e promover o caráter político da educação, o projeto foi iniciado com o processo formativo e teve como pressuposto o diálogo entre os saberes, com problematização da realidade e a valorização da cultura local. Todo processo foi certificado com 90h, embora a ciranda de encontros formativos tenha se dado muito além das horas certificadas.

Com a participação das comunidades escolar e do entorno, em um rico processo de diálogo, de partilha, de trocas e de construção de saberes, formamos com o coletivo uma grande comunidade aprendente (BRANDÃO, 2005). Por meio do conceito de *comunidade aprendente*, Brandão ressalta que em todas as unidades de partilha da vida vivemos situações pedagógicas, “em cada uma delas e da interação entre todas elas é que ao longo de nossas vidas nós nos vemos às voltas com *trocas de significados, de saberes, de valores, de ideias e de técnicas*” (2005, p.87, grifo nosso).

Ancorados nos pressupostos de Sato; Passos (2002; 2006) e com inspiração na proposta de Escolas Sustentáveis, compreendemos que a ciranda para a sustentabilidade decorre da compreensão da tríade fenomenológica EU-OUTRO-MUNDO e CURRÍCULO-GESTÃO-ESPAÇO.

Kassiadou e Sánchez (2013) nos convidam a refletir sobre a possibilidade de aproximarem-se as discussões sobre escolas sustentáveis com o movimento por Justiça Ambiental; cremos que essa aproximação é necessária para que os projetos desenvolvidos na escola tenham significado e ousamos dizer que vivenciamos isto com a comunidade aprendente que se formou durante o processo formativo em Mata Cavalo.

Neste processo foram abordados os diferentes modos de vida dos seres humanos e seus impactos sobre o ambiente, as relações que os indivíduos têm mantido com os ecossistemas, além da importância do engajamento para resistir à opressão do sistema capitalista e a necessidade de um currículo que considere os saberes e fazeres da população (EU-CURRÍCULO), com a problematização das questões socioambientais por meio da cartografia local (OUTRO-ESPAÇO), partindo da história da comunidade para a sementeira de esperanças que germine na forma de alternativas possíveis para transformação (MUNDO-GESTÃO).

A comunidade aprendente formada COM e PELOS estudantes (Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA) - professores, gestoras, funcionários da escola, moradores do quilombo e pesquisadores do GPEA - partilhou momentos de ricos diálogos, múltiplas aprendizagens e formação política; os encontros aconteceram de agosto a novembro de 2015, com uma parte conceitual (com reuniões semanais de agosto a outubro) e outra parte de aplicação de conceitos e execução do PAEC (com encontros diários de segunda a Sexta).

Os encontros foram animados por pesquisadores do GPEA, com o cuidado de trazer a perspectiva

da construção histórica e social da realidade, conferindo um caráter político ao processo, com entrelaçamento dos saberes da comunidade e da escola. As temáticas dos encontros foram a Sustentabilidade Planetária e Educação Ambiental; o Mapeamento Social: Grupos Sociais e Conflitos Socioambientais; o Projeto Político Pedagógico (PPP) e Educação Ambiental; o Protagonismo Juvenil; a Com-vida e experiências de Escolas Sustentáveis e os Projetos Ambientais Escolar Comunitário (PAEC).

No primeiro encontro do processo formativo, duas pesquisadoras do Grupo animaram o diálogo com o tema de **Sustentabilidade Planetária e Escolas Sustentáveis**, estimulando os participantes a se enxergarem no mundo e refletirem sobre seus hábitos (**EU-CURRÍCULO**). Além disso, perceber as relações que os seres humanos têm mantido com a natureza e os impactos dos diferentes modos de vida sobre os ecossistemas.

No segundo encontro, foram apresentados os resultados do **Mapa Social** (SILVA, 2011) e do **Mapa dos Conflitos** (JABER-SILVA, 2012) de Mato Grosso, atividade que possibilitou aos quilombolas a visão do macrocosmo de um estado opressor que, muitas vezes, tem lhes negado a efetivação de diversos direitos. Neste encontro, os participantes formaram cinco grupos de trabalho (GT), e em cada um desses GT refletiram sobre o processo histórico de Mata Cavalo e mapearam os marcos da comunidade e os conflitos que têm vivenciado (**OUTRO-ESPAÇO**). Com o entendimento de que os mapas são “[...] meio de imaginar, articular e estruturar o mundo [...] e nunca imagens isentas de juízo de valor [...]” (HARLEY, 2009, p.2), buscamos também, por meio desta atividade, junto com a comunidade aprendente, compreender a força política dos mapas e a necessidade de incorporá-los enquanto instrumento de poder na luta pelo território. Posteriormente, os resultados foram socializados, atividade que enriqueceu o diálogo e a reflexão sobre a cartografia do microcosmo. Os resultados deste encontro foram incorporados a duas pesquisas de mestrado do programa de Pós Graduação em Educação (UFMT-CUIABÁ).

No terceiro encontro, os participantes foram divididos em dois grupos, um com educadores, gestoras, funcionários da escola e moradores, e outro grupo, com os estudantes. Com o primeiro grupo, discutimos a importância de inserir a Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico (PPP), refletindo sobre o caráter político da EA e o seu potencial na valorização dos povos e dos territórios (**MUNDO-GESTÃO**).

Nessa formação, partimos da perspectiva de que o PPP é um importante “espaço” da gestão democrática, pois traz orientações política e pedagógica para a prática educacional (SANTIAGO, 1995), e se constitui o “[...] nicho privilegiado para discutir os conceitos e as práticas pedagógicas [...]” (SENRA, SATO, OLIVEIRA, 2009, p.51), que se configura em um valioso instrumento para que ação educativa não seja descolada da realidade local.

Considerando a especificidade da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, em que cultura e natureza são dimensões inseparáveis, um PPP que traga a educação ambiental como diretriz pedagógica tem o potencial de fortalecer a cultura e a luta quilombola. Entendemos a educação ambiental na escola pode ser uma “[...] forma de luta e de mudança nos espaços da escola, capaz de propiciar transformação e resistência” (SENRA; SATO; OLIVEIRA, 2009, p.52).

No grupo formado pelos estudantes, o diálogo versou sobre a importância da formação política e

engajamento juvenil para fortalecer a luta e a resistência. Foi então que as juventudes do quilombo denunciaram diversas situações em que têm sido vítimas de racismo, principalmente quando saem do quilombo e quando recebem escolas de outras localidades; neste momento também anunciaram como gostariam de viver e socializaram os sonhos que tinham para as juventudes da escola e do quilombo. A formação das juventudes é essencial para o fortalecimento da comunidade e para continuidade da luta quilombola.

No quarto encontro, foram compartilhadas as experiências desenvolvidas por duas escolas estaduais da zona rural de MT, que vêm construindo projetos educativos para a sociedade sustentável: uma está localizada no Assentamento Nova Esperança, Município de Cáceres, outra, na comunidade pantaneira de São Pedro de Joselândia, município de Barão de Melgaço (**MUNDO-GESTÃO**). Esse encontro teve o intuito de auxiliar na compreensão de que “[...] uma escola sustentável considera que o território é o espaço que constrói as identidades [...]” sendo imprescindível trabalhar “[...] um currículo cultural do sujeito, da comunidade escolar e também da sociedade brasileira [...]” (TRAJBER; SATO, 2010, p.72) e também despertar para a necessidade de instituir a Com-vida¹, além de evidenciar a importância desta comissão para que o projeto de sustentabilidade ultrapasse os muros da escola (**EU-OUTRO**).

Dando continuidade à ciranda aprendente, no quinto encontro foram socializadas experiências de projetos ambientais sustentáveis, com intuito de auxiliar o grupo a vislumbrar qual PAEC gostariam de construir. Esse momento também teve o objetivo de estimular e entusiasmar os participantes para a construção de um sonho coletivo, visto que a “[...] intencionalidade dos PAEC é a de oportunizar espaços de participação democrática na busca da tessitura da construção coletiva, de forma a ampliar a relação dialética escola-sociedade” (PEDROTTI-MANSILLA; SATO, 2009, p. 314).

Durante o período de duas semanas, a comunidade de aprendizagem que se constituiu durante o processo formativo conversou e amadureceu a ideia do sonho coletivo. Após esse período, reuniram-se com os pesquisadores do GPEA e apresentaram o PAEC que representava para eles o sonho coletivo: a construção de uma *Casa de Cultura*, cuja arquitetura guardaria as marcas dos saberes quilombola, com a inovação de um telhado de grama que possibilitaria maior conforto térmico, principalmente por se tratar de uma região bastante quente, onde a população tem sofrido com o aumento da temperatura, agravado pelos desmatamentos.

O PAEC escolhido possibilitou o entrelaçamento de saberes (MANSILLA; SATO, 2009) e o reconhecimento de aspectos da cultura dos antepassados. Em função da falta de regulação fundiária e dos violentos despejos com a destruição de moradias, grande parte dos quilombolas atualmente vivem em casas de palha ou de madeira, o que faz com que muitos jovens desconheçam as técnicas de construção usadas pelos seus ancestrais.

O aprendizado sobre a construção iniciou com a escolha e retirada das madeiras e do barro. Para erguer as paredes, as madeiras foram amarradas uma a outra, em seguida foram colocados pedaços de bambu entre os espaços para impedir que o barro escorresse na hora do barreamento. O chão foi feito como nos tempos antigos, com o cupinzeiro, pois a saliva do cupim forma um conglomerado resistente que não levanta poeira.

Para fazer o telhado verde, colocamos sobre as madeiras quatro camadas de lona, na caída do telhado foi colocado um cano de PVC furado, envolvido por uma fina camada de brita para ajudar a drenar a água. Esse cano foi conectado a um caixa no solo para armazenar e reaproveitar a água. Posteriormente colocou-se a terra e a grama (Quadro de figuras 1).

Quadro de figura 1: Execução do PAEC, projeto Escolas Sustentáveis no Quilombo de Mata Cavallo.



Fotos: Arquivo GPEA

A bonita escolha do Projeto Ambiental Escolar Comunitário, a construção coletiva da *Casa da Cultura* quilombola, possibilitou momentos de grande comunhão, de valorização dos saberes que correm no seio do povo quilombola, com envolvimento solidário e união de crianças, jovens, homens e mulheres em muxirum,² pela materialização de um sonho coletivo. Foram dias que encheram a comunidade aprendente com brisas de esperança, com a visão de que é possível sonhar coletivamente e realizar um processo educativo sem hierarquização de saberes e com união das comunidades escolar e do entorno.

Em todo o processo formativo vivemos esse sonho de educação. Com diálogos intensos e um processo educativo que valorizou os saberes e fazeres quilombolas e fortaleceu a solidariedade, o companheirismo e a resistência. Foram 15 dias de diálogo sobre a realidade local. Período que oportunizou

conhecer um pouco das soluções populares para os problemas da vida social, e perceber a “[...] estreita relação entre ‘saber, conhecer e lutar pela vida’” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.10).

A experiência vivida com a comunidade de aprendizagem que se desenvolveu ao longo do processo formativo e os diálogos durante este projeto veio reafirmar a necessidade de continuarmos a desenvolver projetos de extensão que sejam capazes de aliar ensino-pesquisa-extensão para construirmos uma universidade mais participativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

JABER-SILVA, Michelle; SATO, Michèle. Territórios em tensão: o mapeamento dos conflitos socioambientais do Estado de Mato Grosso - Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol.15, n.1, p. 1-22. Jan./abr. 2012. ISSN 1809-4422.

MANSILIA, Débora Eriléia Pedrotti, SATO, Michèle. Construindo esperanças nas políticas socioambientais por meio da participação democrática nos territórios mato-grossenses. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação** (FURG), v. 23. 2009 p. 312-331.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. (Org.) **Educação Ambiental para o Semiárido**. João Pessoa: EdUFPB, 2011, p. 539-569.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. Estrelas e Constelações: Aprendizes De Um Grupo Pesquisador. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**. Vol. 14(2). 2009, p. 139-145.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Pelo Prazer Fenomenológico de um Não- Texto. In: GUIMARÃES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação** / Mauro Guimarães (org.). – Campinas, SP: Papirus, 2006. – (Coleção Papirus Educação).

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz A. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania. In LOUREIRO, C.F.B.; LAYARGUES, P. & CASTRO, R.S. (Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 221-252.

SILVA, Regina. **Do invisível ao visível:** o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil. 221f. Tese (Doutorado e Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2011.

TRAJBER, Raquel; SATO, Michèle. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. 1517-1256, v.especial, Rio Grande – RS, setembro de 2010. p.70-79.

NOTAS

¹A “Com-Vida é um espaço de diálogos que ajuda a escola a projetar e a implementar ações que envolvem toda a comunidade escolar, visando a um futuro sustentável. Isso tem reflexos na diminuição do desperdício de água, energia, materiais e alimentos, nas compras conscientes, na destinação adequada de resíduos, entre outras práticas voltadas ao bem-estar pessoal, coletivo e ambiental, é uma nova forma de organização na escola e uma das ações

estruturantes para cuidar do Brasil. Sua proposta é consolidar, na comunidade escolar, um espaço permanente para realizar ações voltadas à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida” (BRASIL, 2012, p.12).

²Expressão usada pelos quilombolas para caracterizar trabalho coletivo, com mesmo significado de mutirão.